

## ACADEMIA RIBEIRÃOOPRETANA DE LETRAS.

Posse do acadêmico Dr. Feres Sabino, na cadeira nº 6, cujo patrono é o escritor Euclides da Cunha e o antecessor é o senhor Mário Moreira Chaves.

A Academia Ribeirãoopretana de Letras reveste-se de júbilo para acolher seu novo membro, o Dr. Feres Sabino, que vem honrar-nos e enriquecer-nos com sua participação em nosso convívio.

Mas, quem é Feres Sabino, esse moço sofrido, experiente, idealista e profundamente honesto em sua caminhada existencial? Simplesmente, um amigo desde a adolescência, a quem me uno pela identidade de pensamento e de luta?

Não apenas isso! Além do coração, a razão leva-me a dizer muito mais.

É do Dr. Rubem Cione, nosso confrade, a afirmação de que “o clima de luta é a nossa absoluta condição de viver. Nossa condição de advogado obriga-nos à voz impressa ou ao verbo poderoso, fustigante, muitas vezes cruel, outras repassadas de ternura.” Pois, Feres Sabino assim o é. Essencialmente lutador, nasceu ele em Brodosqui, no dia cinco de dezembro de 1938, filho de Miguel Sabino e Almaz Choudrai Sabino.

Desde menino, com pouco mais de oito anos, adotou Ribeirão Preto como sua cidade, nela passando a viver intensamente todos os momentos preciosos de sua vida.

Cursou ginásio e colégio no Instituto Estadual de Educação “Otoniel Mota”, onde participou do Centro Nacionalista “Olavo Bilac”, grêmio estudantil daquela Instituição, quando ainda nos era democraticamente permitido atuar em agremiações estudantis.

Em 55, já era sub-agente do “Diário de São Paulo”. Escritor desde os tempos de estudante, em 61 e 62, já publicava seus artigos na “Tribuna da Justiça”.

Em São Paulo, cursou Direito na célebre Faculdade do Largo São Francisco, por onde passaram muitos nomes que engrandeceram a literatura desta pátria brasileira. E Feres aí, então, desenvolveu seus dotes jurídicos, aperfeiçoou os literários e alimentou a chama de seu ideal de justiça, concluindo seu curso no final do ano que aboliu nossa democracia, o fatídico 64.

Uma vez formado, consciente de que “a dignidade está no Direito”, devotou-se ao exercício da advocacia privada e pública, procurando dar sua contribuição na construção de um mundo de justiça.

Casa-se, no dia nove de janeiro de 1971, com Kátia, a doce Catarina que lhe deu dois filhos maravilhosos, José Feres e José Guilherme. Bom marido e bom pai, de repente vê-se tragicamente viúvo, passando a ser corajosamente, ao mesmo tempo, pai e mãe dos próprios filhos, sem esmorecer jamais.

Exercendo integralmente a cidadania, luta pelo desenvolvimento do processo democrático, e, em 1976, candidata-se a Prefeito Municipal de Ribeirão Preto, pela sublegenda-3 do MDB, tendo sido membro fundador desse partido em nossa cidade, onde também fundou a Associação dos Advogados e foi presidente da nossa subseção da OAB, a Ordem dos Advogados do Brasil. Foi Procurador Geral do Estado no governo Montoro, de 1985 a 87 e chefe da Assessoria Jurídica do governo Quéricia. Em 1990, quando ingressou no PSDB, candidatou-se a Deputado Federal. De 93 a 96, exerceu o cargo de Secretário Municipal dos Negócios Jurídicos, junto à Prefeitura de Ribeirão Preto, na gestão do Dr. Palocci, quando PSDB e PT aqui estavam coligados.

Recebeu várias menções honrosas, votos de louvor e outros títulos de agradecimento pelos relevantes serviços prestados na área do Direito, quer no exercício da advocacia, quer no exercício de funções ligadas à Justiça ou Associações de Classe.

Mas, não se restringiu ao Judiciário. Usando sua expressão, “como um advogado que sabe ter na sua Palavra sua arma e sua elegância”, tornou-se jornalista, tendo colaborado em vários jornais de Ribeirão Preto, da região e de São Paulo. Tem artigos publicados na “Revista dos Tribunais” e outras especializadas. É também redator-responsável pelo Boletim-FUNAP, por ele introduzido nessa Instituição.

Tornou-se insigne orador, o que lhe valeu a pertinente alcunha de “Portinari do verbo”, que lhe foi dada pelo Dr. Victor Hugo Albernaz.

A ternura do escritor produziu páginas belíssimas, como “Tudo Morre”, por ocasião do falecimento do jornalista Antônio Carlos Sant’Anna, ou “A Arte dos Deuses”, quando do desaparecimento do Dr. Ulysses Guimarães, presidente do PMDB, e “A caminho de um certo porto seguro”, quando o amigo Celso Ibson de Sylos perdeu a vida em trágico acidente. Tudo porque, para Feres, segundo suas palavras, “homenagear é o verbo da expressão humana, que coloca o ato na escala da solidariedade. É um outro dar e um outro receber. É o ato que soleniza o que algum dia nos ligou de alguma forma, durante um certo tempo, ou quiçá, por um singelo momento ou de crença, ou de afeto, ou de lutas comuns. Homenagear é o meio terno de falar e de ouvir nossos compromissos comuns, nossa caminhada convergente.”

Sempre desejoso de transformar os homens e o mundo, integra a Comissão dos Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil, Seção de São Paulo, desde 1993. É membro do Conselho Estadual de Defesa da Pessoa Humana, órgão vinculado à Secretaria da Justiça e da Cidadania do Estado de São Paulo. Pertence à Academia Ribeirãopretana de Letras Jurídicas.

“Há na terra um grande trabalho a realizar. É tarefa para seres fortes, para corações corajosos. Não podemos cruzar os braços.

“É indispensável que conquistemos este mundo, não com as armas do ódio e da violência e sim com as armas do amor e da persuasão.

“Quando falo em conquista, quero dizer a conquista de uma situação decente para todas as criaturas humanas, a conquista da paz digna, através do espírito de cooperação.”

Essas palavras de Érico Veríssimo levaram Feres Sabino a assumir uma “experiência que deu certo” e, assim, desde quatro de dezembro de 1996, no governo Covas, passou a ocupar o cargo de Diretor Executivo da FUNAP- Fundação “Dr. Manoel Pedro Pimentel”, procurando colaborar para a reintegração social dos presidiários, reeducando-os através de oficinas de trabalho e de lojas para a comercialização dos produtos por eles fabricados.

Por acreditar na força da palavra, aderiu à política, ao jornalismo, à advocacia, para “com ela, falar às consciências e fazer as transformações” ditadas pela própria consciência comprometida com a Democracia, uma Democracia Real, que corresponda a seu sonho de paz e justiça.

Assim tem sido toda sua participação social e política.

Remeto-me a um poeta alemão, morto pelo nazismo, para, através de seu verso, afirmar que “quero fazer hoje um poema, onde cada verso respire tempo novo”. Pois este é um tempo novo. De um novo confrade que a nós é bem vindo. É um novo tempo construído pelo político que aqui está, e aqui está também o jornalista, aqui está o advogado, aqui está o escritor.

É o que dele penso, sinto e digo: Eis o homem!

Rosa Maria Britto Cosenza de Oliveira.  
Ribeirão Preto, 27 de maio de 1999.